

3. A Visão do Trono Celestial e o Triunfo do Cordeiro (Ap. 4 e 5)

Autor: Diego Vieira Dias | Grupo: Teologia e Pregações | Data: 08/03/2026 12:47

O Cenário Celestial: A Porta Aberta e o Trono no Céu

A transição narrativa no livro do Apocalipse, a partir do seu quarto capítulo, introduz uma das visões mais espetaculares e significativas de todo o texto sagrado. Após as exortações, advertências e promessas direcionadas às sete igrejas da Ásia Menor, o cenário se desloca abruptamente da esfera terrena para a dimensão celestial. O observador, arrebatado em espírito, depara-se com uma porta aberta no céu e recebe um convite imperativo para ascender a essa nova realidade.

"Depois destas coisas, olhei, e eis que estava uma porta aberta no céu; e a primeira voz que, como de trombeta, ouvira falar comigo, disse: Sobe para aqui, e te mostrarei o que deve acontecer depois destas coisas." (Ap. 4:1)

É essencial compreender a natureza e a profundidade desse chamado. Em algumas tradições interpretativas, o comando "sobe para aqui" é associado quase que exclusivamente a um evento escatológico futuro, como o arrebatamento. No entanto, uma análise cuidadosa do texto e de seu contexto histórico revela um propósito imediato, prático e profundamente consolador para a comunidade da fé do primeiro século. A abertura dessa porta celestial desvenda uma realidade paralela, superior e soberana àquela vivenciada materialmente na Terra.

Para os cristãos da época, o cenário político visível e palpável era dominado de forma esmagadora pelo Império Romano, sob a autoridade absoluta do trono de César. A perseguição, o sofrimento constante, a marginalização e o risco iminente de morte eram ameaças reais. Nesse contexto de opressão severa, a visão celestial cumpre um papel teológico e existencial fundamental: revelar que, muito além do domínio terreno e da tirania de Roma, existe o verdadeiro e inabalável Reino de Deus. O trono estabelecido nos céus atua como um contraponto direto ao trono imperial em Roma, garantindo aos fiéis que o poder supremo sobre o tempo, o espaço e a história pertence ao Soberano divino, e não a imperadores humanos temporários.

A descrição daquele que está assentado no trono é rica em simbolismos intrinsecamente ligados à tradição do Antigo Testamento. A linguagem evoca especialmente as visões místicas do profeta Ezequiel e as manifestações teofânicas descritas no livro de Êxodo. O aspecto do governante celestial não é descrito com traços antropomórficos comuns, mas comparado ao brilho de pedras preciosas:

"E o que estava assentado era, na aparência, semelhante à pedra jaspe e sardônio; e o arco celeste estava ao redor do trono, e parecia semelhante à esmeralda." (Ap. 4:3)

O jaspe e o sardônio remetem à glória incomensurável, à santidade e ao esplendor divino, ecoando a pureza e a justiça absolutas do Criador. Além disso, a presença de um arco-íris, com a coloração vívida de uma esmeralda circundando o trono, traz imediatamente à memória a aliança eterna estabelecida por Deus com a humanidade e com a criação após o dilúvio, conforme registrado no livro de Gênesis.

"O meu arco tenho posto na nuvem; este será por sinal da aliança entre mim e a terra." (Gn. 9:13)

Trata-se de um símbolo majestoso de misericórdia, preservação e fidelidade inquebrável, que envolve o próprio centro do poder universal. A atmosfera que emana e circunda o trono é marcada por fenômenos impressionantes: relâmpagos, vozes e trovões. Tais elementos invariavelmente evocam a presença majestosa e temível de Deus, lembrando a experiência formidável do povo de Israel no Monte Sinai durante a entrega da Lei. Essa manifestação de poder bruto reafirma a soberania e a autoridade inquestionáveis do Criador.

Ainda diante do trono majestoso, o observador nota a presença de sete lâmpadas de fogo ardentes. Estas não são meros componentes decorativos do cenário celestial, mas carregam um peso teológico significativo.

"Do trono saem relâmpagos, vozes e trovões, e, diante do trono, ardem sete tochas de fogo, que são os sete Espíritos de Deus." (Ap. 4:5)

A imagem dessas sete lâmpadas remete diretamente à Menorá, o candelabro sagrado de sete hastes utilizado primeiramente no Tabernáculo e, posteriormente, no Templo de Jerusalém. No contexto linguístico e profético do Apocalipse, e em estrita consonância com as profecias de Isaías (Is. 11:2), o número sete simboliza a perfeição, a totalidade e a completude. Logo, as sete tochas de fogo indicam a ação plena, onisciente e onipresente do Espírito de Deus atuando sobre toda a criação.

Toda essa estruturação visual complexa tem um objetivo unificado e claro: confortar, revigorar e fortalecer a comunidade de fiéis, redirecionando o seu olhar das tribulações políticas e sociais do tempo presente para a autoridade eterna do trono celestial. O cenário mostra que a história não está à deriva nem sob o controle do caos imperial; ela é firmemente conduzida por Aquele que se assenta no trono.

Os Vinte e Quatro Anciãos e os Quatro Seres Viventes

Ao redor do formidável trono celestial, a revelação se expande para apresentar duas classes de seres que desempenham papéis centrais na dinâmica da adoração e na representação do domínio de Deus: os vinte e quatro anciãos e os quatro seres viventes. A presença e as características desses seres não são acidentais; cada detalhe carrega um profundo significado teológico que conecta a história da redenção à totalidade da criação.

A primeira visão que compõe este conselho celestial é a dos anciãos, posicionados em posição de honra e autoridade subordinada:

"Ao redor do trono, há também vinte e quatro tronos, e assentados neles, vinte e quatro anciãos vestidos de branco, em cujas cabeças estão coroas de ouro." (Ap. 4:4)

A simbologia numérica no texto apocalíptico é a chave para a sua interpretação. O número vinte e quatro é amplamente compreendido como a soma de doze mais doze (12 + 12). O número doze, por sua vez, é uma marca constante da ação de Deus na história da humanidade. Assim, os vinte e quatro anciãos representam a união das doze tribos de Israel — a base e a raiz da Antiga Aliança — com os doze apóstolos do Cordeiro, os fundamentos da Nova Aliança. Juntos, eles personificam a

totalidade do povo redimido de Deus ao longo de todas as eras.

As vestes brancas indicam a pureza, a justificação e a vitória alcançada, enquanto as coroas de ouro em suas cabeças apontam para o triunfo e para a promessa de que os redimidos reinarão com Cristo. Em um cenário histórico onde o Império Romano detinha o monopólio do poder e das coroas terrenas, a visão desses anciãos coroados servia como um lembrete poderoso para a comunidade da fé: o verdadeiro reinado e a vitória definitiva pertencem àqueles que estão aliançados com o Soberano do universo. Eles atestam que Deus é o Senhor inquestionável do tempo e da história humana.

Em conjunção com os anciãos que representam a dimensão do tempo e da história, a narrativa introduz os quatro seres vivos, que representam a dimensão do espaço e da criação física. A descrição evoca de forma cristalina as visões proféticas encontradas no livro de Ezequiel:

"E no meio do trono, e ao redor do trono, quatro seres vivos cheios de olhos, por diante e por detrás. E o primeiro ser vivente era semelhante a um leão, e o segundo ser vivente semelhante a um bezerro, e tinha o terceiro ser vivente o rosto como de homem, e o quarto ser vivente era semelhante a uma águia voando." (Ap. 4:6-7)

O número quatro na mentalidade hebraica antiga está intrinsicamente ligado à terra e ao mundo físico, remetendo à expressão dos "quatro cantos da terra" ou aos quatro pontos cardeais. Portanto, esses seres majestosos personificam toda a ordem criada, afirmando que Deus não é apenas o Senhor do tempo (representado pelos anciãos), mas também o Senhor absoluto do espaço.

A fisionomia de cada ser vivente abrange a diversidade e a primazia da criação terrena, organizada conforme o entendimento sociológico da época:

- **O Leão:** Representa o ápice da força e o mais poderoso dos animais selvagens, aqueles indomáveis que habitam longe do convívio humano.
- **O Boi (ou bezerro):** Simboliza a força do trabalho e a proeminência entre os rebanhos e animais domésticos, essenciais para a sobrevivência e a economia agrária.
- **A Águia:** Destaca-se como a rainha das aves, dominando a esfera celeste com majestade e precisão insuperáveis.
- **O Homem:** Posiciona-se como a coroa da criação, dotado de racionalidade e encarregado do mandato de exercer o domínio e a gestão responsável sobre o mundo criado.

Essas criaturas possuem seis asas e são repletas de olhos ao redor e por baixo. A multiplicidade de olhos denota uma vigilância constante e a onisciência divina que permeia toda a criação, um conforto para aqueles que se sentiam vigiados e oprimidos pelos "olhos" do império terreno.

A vocação suprema desses seres é a adoração incessante. Eles proclamam dia e noite os atributos eternos do Criador:

"Santo, Santo, Santo é o Senhor Deus, o Todo-Poderoso, que era, e que é, e que há de vir." (Ap. 4:8)

Nessa liturgia cósmica, sempre que os representantes da criação (os seres vivos) exaltam a Deus, os representantes da história redimida (os anciãos) respondem em absoluta submissão. Eles se prostram, lançam suas coroas de ouro diante do trono de vidro e cristal, e reconhecem que toda autoridade, poder e dignidade derivam única e exclusivamente Daquele que criou todas as coisas.

O Significado do Mar de Vidro e a Purificação

Dando continuidade à majestosa arquitetura celestial revelada, um elemento de destaque repousa imediatamente diante da presença do Soberano. A narrativa descreve uma vastidão translúcida que, à primeira vista, pode parecer um mero detalhe estético, mas que carrega uma herança teológica profunda, enraizada nas antigas práticas de adoração do povo hebreu.

"E havia diante do trono um como mar de vidro, semelhante ao cristal." (Ap. 4:6a)

Para compreender o impacto dessa imagem, é necessário resgatar o contexto histórico e litúrgico estabelecido desde o livro de Êxodo. A figura do "mar" remete diretamente à famosa bacia de bronze — também conhecida como pia de cobre —, que compunha o mobiliário essencial do Tabernáculo no deserto. Historicamente, o complexo do Tabernáculo possuía uma área de pátio externo medindo cerca de 45 metros de comprimento por 22,5 metros de largura, abrigando a Tenda do Encontro (ou Tenda da Congregação), que media aproximadamente 13,5 metros por 4,5 metros. Era exatamente no lado externo, entre o altar do holocausto e a entrada do lugar sagrado, que essa bacia estava estrategicamente posicionada.

Mais tarde, com a construção do Templo de Jerusalém, inaugurado por volta do ano 966 a.C. sob o reinado de Salomão, esse conceito foi expandido para proporções monumentais. A bacia original deu lugar ao chamado "Mar de Bronze" ou "Mar de Fundição", uma estrutura colossal que repousava sobre esculturas de touros.

O propósito dessa estrutura, tanto no Tabernáculo quanto no Templo, era estritamente ligado à purificação ritual. Os sacerdotes eram obrigados a lavar suas mãos e seus pés em suas águas antes de ingressarem no espaço sagrado ou de ministrarem no altar.

"Farás também uma pia de cobre com a sua base de cobre, para lavar; e a porás entre a tenda da congregação e o altar; e nela deitarás água." (Êx. 30:18)

Essa exigência litúrgica sublinha um princípio espiritual inegociável: a necessidade de purificação, perdão e santidade para manter a relação de aliança com um Deus que é absolutamente santo. A água da bacia representava a remoção contínua da impureza terrena, um pré-requisito para o exercício do sacerdócio e para a comunhão com o Divino.

No entanto, a visão celestial no Apocalipse apresenta uma alteração sutil, mas de impacto colossal: o mar diante do trono não é mais de água fluida para lavagens repetitivas, mas sim de "vidro, claro como cristal". O estado sólido e cristalino desse mar indica que o processo de purificação foi concluído de uma vez por todas. A redenção plena foi alcançada.

A presença desse mar de vidro atesta que o povo de Deus, outrora necessitado de purificação constante, agora está eternamente lavado e justificado. O acesso à presença divina não exige mais rituais preparatórios, pois a santidade exigida pela aliança foi definitivamente satisfeita. O texto demonstra que a humanidade redimida está caminhando para o usufruto extraordinário e ininterrupto dessa presença, exercendo seu papel sacerdotal e real de maneira perfeita, sem as antigas barreiras impostas pela limitação humana e pelo pecado.

O Livro com Sete Selos e a Busca por Alguém Digno

À medida que a revelação avança para o que corresponde ao quinto capítulo do Apocalipse, o foco

visual da narrativa se desloca da adoração cósmica para um objeto de suma importância que repousa nas mãos do Soberano. O cenário de majestade e poder estabelece o palco para a introdução do elemento que ditará o desenrolar do restante da história humana e cósmica.

"Vi, na mão direita daquele que estava sentado no trono, um livro em forma de rolo, escrito de ambos os lados e selado com sete selos." (Ap. 5:1)

Para compreender a magnitude desta cena, é preciso fazer uma imersão no contexto histórico e literário da antiguidade. O formato de livro que conhecemos hoje, encadernado e com páginas viráveis, só se popularizou muitos séculos depois, por volta do século XV. O texto original descreve um pergaminho em forma de rolo. O fato de estar "escrito de ambos os lados" (por dentro e por fora) indica a plenitude e a completude da revelação ali contida; não há espaço para acréscimos humanos, pois o decreto divino está consumado e detalhado em sua totalidade.

A localização do rolo também é de extrema relevância teológica. Ele encontra-se na "mão direita" daquele que está no trono, um símbolo universal bíblico para designar poder absoluto, soberania e autoridade executiva. Além disso, o documento está guardado por "sete selos". No mundo antigo, quando uma mensagem de vital importância era redigida — um processo custoso e complexo —, ela era selada com cera ou argila e carimbada com o sinete de quem a enviava. O número sete, mais uma vez, evoca a perfeição e a inviolabilidade absolutas: os decretos de Deus são totalmente seguros e impenetráveis à curiosidade ou à interferência humana.

O conteúdo desse rolo guarda os segredos insondáveis da história, o propósito final da relação entre o Criador e a humanidade, e o desenrolar do juízo e da redenção. Diante da grandiosidade desse documento, surge um desafio cósmico que ecoa por toda a criação, proclamado por um anjo poderoso:

"E vi um anjo forte, bradando com grande voz: Quem é digno de abrir o livro e de desatar os seus selos?" (Ap. 5:2)

A pergunta não indaga quem tem força física, influência política ou poder bélico para violar o selo, mas sim quem possui *dignidade* — autoridade moral, mérito espiritual e jurisdição soberana — para reivindicar o domínio sobre o destino da criação e tornar-se o centro absoluto da história. A exigência de dignidade desqualifica imediatamente qualquer pretensão humana. Aqueles que detinham o poder em Roma, os imperadores que se autoproclamavam deuses e senhores do mundo, são expostos em sua absoluta insuficiência.

O que se segue é um dos momentos de maior tensão dramática na literatura apocalíptica. Realiza-se uma busca exaustiva que abrange todas as esferas da existência.

"E ninguém no céu, nem na terra, nem debaixo da terra, podia abrir o livro, nem olhar para ele." (Ap. 5:3)

A incapacidade é universal. Nenhum anjo nas regiões celestes, nenhum monarca ou sábio sobre a terra, e nenhum espírito ou ser no submundo possui a qualificação necessária. A história humana parece, naquele instante, ter chegado a um impasse aterrorizante. Sem alguém digno de abrir o rolo, os propósitos de Deus não poderiam ser executados, a justiça não seria feita sobre os opressores, e a redenção não seria consumada para os oprimidos. O universo permaneceria sem

resolução, e o sofrimento da igreja perseguida pareceria em vão.

A reação do observador a esse silêncio cósmico é profundamente visceral e humana. Tomado pela gravidade da situação e pela frustração de um impasse existencial tão profundo, ele é levado às lágrimas.

"E eu chorava muito, porque ninguém fora achado digno de abrir o livro, nem de o ler, nem de olhar para ele." (Ap. 5:4)

Este choro copioso não é apenas uma reação de desapontamento pessoal, mas o luto de uma criação inteira que aguarda ansiosamente pela sua redenção. É o pranto daqueles que, sofrendo injustiças e perseguições sob governos tiranos, temem que a história seja apenas um ciclo interminável de dor sem um propósito soberano. A tristeza aguda reflete a angústia de se deparar com a limitação absoluta da criação diante da majestade e da justiça exigidas pelo Criador.

O Leão da Tribo de Judá e o Cordeiro de Deus (Ap. 5:5-6)

O ápice da angústia cósmica e o pranto desolado diante da impossibilidade de se encontrar alguém digno de abrir o livro selado são abruptamente interrompidos. A resposta para o dilema que paralisava o céu e a terra não vem de um anjo ou de uma nova criatura majestosa, mas de um dos vinte e quatro anciãos que representam a igreja glorificada. Ele traz uma mensagem que reverte o luto em esperança e revela a identidade daquele que é o centro absoluto da história.

"E disse-me um dos anciãos: Não chores; eis aqui o Leão da tribo de Judá, a raiz de Davi, que venceu, para abrir o livro e desatar os seus sete selos." (Ap. 5:5)

Esses títulos messiânicos carregam um peso teológico extraordinário e estão profundamente enraizados na tradição da Bíblia Hebraica. A expressão "Leão da tribo de Judá" remonta à bênção patriarcal de Jacó (Gn. 49:9-10), que profetizava o surgimento de um governante supremo e imbatível dessa linhagem. O leão, símbolo de realeza, força e supremacia no reino animal, aponta para um rei vitorioso que exerce autoridade inquestionável.

Da mesma forma, o título "raiz de Davi" confirma o cumprimento pleno e definitivo da aliança davídica, registrada em passagens como 2 Samuel 7. A promessa de que o trono de Davi seria estabelecido para sempre encontra a sua consumação neste momento celestial. A figura evocada por essas palavras é a de um monarca guerreiro, um conquistador poderoso que triunfou sobre os inimigos de Deus e, por mérito de sua vitória, possui a dignidade e a jurisdição necessárias para tomar o destino da criação em suas mãos.

No entanto, a genialidade da revelação apocalíptica apresenta um dos paradoxos teológicos mais belos e profundos de toda a Escritura. Quando o observador se volta para contemplar o temível Leão que acabara de ser anunciado, ele depara-se com uma imagem completamente distinta:

"E olhei, e eis que estava no meio do trono e dos quatro animais viventes e entre os anciãos um Cordeiro, como havendo sido morto, e tinha sete chifres e sete olhos, que são os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra." (Ap. 5:6)

A audição captou a promessa de um Leão, mas a visão revelou a presença de um Cordeiro. Essa justaposição não é uma contradição, mas a essência do evangelho e do método divino de triunfo. O poder e a majestade do Leão são exercidos e manifestados por meio do sacrifício e da mansidão do Cordeiro. O Rei poderoso é, simultaneamente, o sacrifício imaculado que foi morto para a redenção da humanidade e o perdão dos pecados.

A descrição do Cordeiro "como havendo sido morto" (ou com as marcas do sacrifício) carrega uma mensagem subversiva contra as estruturas de poder terrenas. Para o Império Romano e para o mundo visível, a crucificação do messias judeu parecia ser a derrota final, a execução de um subversivo pelas mãos do Estado. Contudo, a visão celestial demonstra que essa aparente fraqueza foi, na verdade, a vitória esmagadora sobre o mal, o pecado e a morte. O Cordeiro não está prostrado ou derrotado; Ele está de pé, no epicentro do trono, cercado por toda a adoração do universo.

Além de portar as marcas de seu sacrifício, o Cordeiro é descrito com características que denotam um poder absoluto e divino: "sete chifres e sete olhos".

- **Os Sete Chifres:** Na linguagem simbólica bíblica, o chifre é o emblema máximo da força, do poder militar e da autoridade monárquica. O número sete, indicando plenitude, revela que este Cordeiro detém a onipotência. Seu poder não é fragmentado ou limitado, como o dos imperadores humanos, mas é total e insuperável.
- **Os Sete Olhos:** Estes são identificados como os sete espíritos de Deus enviados a toda a terra, representando a onisciência e a onipresença divinas. Em um contexto histórico onde os "olhos de Roma" — sua rede de espionagem, controle e vigilância — aterrorizavam os cidadãos e subjugavam as nações, a revelação garante que o verdadeiro e perfeito conhecimento de todas as coisas pertence unicamente ao Cordeiro. Nada escapa ao Seu olhar, e nenhuma injustiça passa despercebida.

A união dessas duas figuras — o Leão e o Cordeiro — consolida a revelação de quem é Jesus Cristo. Ele não é apenas o mestre humilde da Galileia, nem apenas o salvador sofredor, mas o Soberano incontestável do tempo, do espaço e da história da redenção. Por ter vencido através do seu sangue, Ele avança para receber o livro selado da mão direita daquele que está assentado no trono, assumindo o controle definitivo sobre o destino do universo.

A Adoração Universal e a Esperança do Futuro Redimido

O ato do Cordeiro de se aproximar e tomar o livro da mão direita daquele que está assentado no trono desencadeia a maior e mais profunda liturgia registrada na visão celestial. Ao assumir o controle dos propósitos de Deus para a história e para a criação, Jesus Cristo instaura um momento de júbilo e adoração que reverbera por todo o cosmos. Imediatamente, os quatro seres vivos e os vinte e quatro anciãos — os representantes da criação e da igreja redimida — prostram-se em submissão absoluta diante do Cordeiro.

Neste cenário de reverência, um detalhe profundamente consolador é revelado para a comunidade de fé que enfrenta aflições:

"E, havendo tomado o livro, os quatro animais e os vinte e quatro anciãos prostraram-se diante do Cordeiro, tendo todos eles harpas e salvas de ouro cheias de incenso, que são as orações dos santos." (Ap. 5:8)

A menção ao incenso evoca, mais uma vez, a liturgia do Tabernáculo e do Templo, onde o aroma suave subia continuamente a Deus. No entanto, no contexto apocalíptico, esse incenso ganha um significado existencial: ele representa as orações dos santos. Para cristãos oprimidos, muitas vezes submetidos a torturas, prisões e mortes brutais sob o jugo do Império Romano, poderia parecer que

seus clamores por justiça ecoavam no vazio. A visão revela exatamente o oposto: nenhuma lágrima e nenhuma oração dos que sofrem por sua fé é esquecida. Elas são recolhidas em taças de ouro e apresentadas como algo precioso e sagrado na presença do próprio Soberano do universo.

Em resposta a essa redenção, irrompe um cântico inédito, o "cântico novo", que celebra não apenas a criação, mas o triunfo redentor do Cordeiro:

"E cantavam um novo cântico, dizendo: Digno és de tomar o livro, e de abrir os seus selos; porque foste morto, e com o teu sangue nos compraste para Deus de toda a tribo, e língua, e povo, e nação; E para o nosso Deus os fizeste reis e sacerdotes; e eles reinarão sobre a terra." (Ap. 5:9-10)

O alcance da obra de Cristo é universal. As nações e os povos não pertencem a César, nem estão destinados à escravidão perpétua dos poderes terrenos. O sangue do Cordeiro efetuou uma compra, um resgate definitivo que liberta homens e mulheres de todas as etnias e culturas, restituindo-lhes a dignidade original. Essa multidão redimida é então constituída como um reino de sacerdotes, um cumprimento direto da promessa feita a Israel no limiar da Antiga Aliança (Êx. 19:5-6). A declaração de que "reinarão sobre a terra" desmistifica a ideia de uma salvação puramente etérea, onde as almas flutuam sem propósito em um plano imaterial. A redenção bíblica aponta para a restauração de toda a ordem criada; a terra, outrora sujeita à futilidade e ao domínio humano corrupto, será o palco do reinado justo dos redimidos juntamente com o seu Rei.

O louvor, que se inicia com os seres vivos e os anciãos, rapidamente se expande, ganhando proporções inimagináveis. Milhares de milhares e milhões de milhões de anjos juntam-se ao coro, proclamando a dignidade do Cordeiro morto para receber poder, riqueza, sabedoria, força, honra, glória e louvor. A adoração atinge o seu clímax quando todas as esferas da existência são englobadas:

"E ouvi a toda a criatura que está no céu, e na terra, e debaixo da terra, e que está no mar, e a todas as coisas que neles há, dizer: Ao que está assentado sobre o trono, e ao Cordeiro, sejam dadas ações de graças, e honra, e glória, e poder para todo o sempre." (Ap. 5:13)

Toda a criação, sem exceção, reconhece a soberania de Deus e de Cristo. Essa declaração final serve como o antídoto definitivo contra o medo e a desesperança humana. O drama do ser humano — seja a alienação espiritual, o peso esmagador do pecado ou a opressão dos impérios tiranos — encontra a sua resolução na vitória do Leão que se fez Cordeiro.

A mensagem prática que emana do trono celestial é inquestionável: o futuro não está nas mãos de governantes, sistemas econômicos ou potências militares transitórias. O futuro está firmemente nas mãos de Deus. A história nos ensina que os impérios mais formidáveis, inclusive a própria Roma antiga, foram reduzidos a ruínas e memórias. Em contraste, o Reino de Cristo permanece inabalável.

Diante dessa realidade suprema, a única resposta sensata e adequada da humanidade é seguir o exemplo dos vinte e quatro anciãos: lançar todas as coroas — todo o orgulho, prepotência, conquistas pessoais e falsas seguranças — diante do trono. Admitir a nossa total dependência da graça imerecida, que perdoa os pecados e nos insere na família divina, é o passo essencial para participar dessa esperança eterna. O Cordeiro venceu, e nEle reside a garantia de que o desfecho da história será a restauração gloriosa de todas as coisas.

BeHOLD